

**A Roda de Conversa sobre a Afetividade Masculina: Considerações, Reflexões e
Comentários sobre esse Tema**

***The Conversation Circle about Male Affectivity: Considerations, Reflections and
Comments on this Theme***

Nicolau Brasil Bina Machado¹

Resumo

Este artigo propõe a Roda de Conversa sobre a Afetividade Masculina como uma forma dinâmica, eficiente e humanizante para o tratamento das questões relacionadas aos afetos do homem. Conta a história de como essa abordagem foi concebida, as razões porque ela é justificada e, para ilustrar, traz o relato de uma experiência² ocorrida no Centro de Estudos da Família, Adolescência e Infância (CEFAI). Exemplos da história, da vida cotidiana e de várias culturas espalhadas pelo mundo foram utilizados com a finalidade de discutir, levantar reflexões e considerações a respeito desse tema. O artigo termina discorrendo sobre as possíveis mudanças no cenário das relações do homem consigo mesmo e com os outros à sua volta.

Palavras Chave: roda de conversa; afetividade masculina; homem; cultura; reflexão.

Abstract

This article proposes the Conversation Circle about Male Affectivity as a dynamic, efficient and humanizing way to deal with issues related to male affections. It tells the story of how this approach was conceived, the reasons why it is justified and to illustrate, it brings an experience³ that took place at Center for Family, Adolescents and Childhood Studies (CEFAI). Examples from history, everyday life and various cultures around the world were used for the purpose of discussing, raising reflections and

¹ Psicólogo clínico (CRP 05/6762), formado pela Universidade Santa Úrsula em 1982. Fez sua formação em Terapia de Família e Casal em 1985 no Centro de Família e Casal (CEFAC) e na Núcleo Pesquisas em 2009. Desde 2015, faz parte da equipe do laboratório do Centro de Estudos da Família, Adolescência e Infância (CEFAI). Membro titular da ATF-RJ. E-mail: nickbrasil08@gmail.com.

² As pessoas mencionadas na Roda de Conversa autorizaram a publicação dos seus relatos.

³ Idem.

considerations about this theme. The article ends discussing the possible changes in the scenario of man's relations with himself and with others around him.

Keywords: *conversation circle; male affectivity; man; culture; reflection.*

Introdução

Este artigo propõe a Roda de Conversa sobre a Afetividade Masculina como uma abordagem humanista para o acolhimento do homem contemporâneo, com as suas complexidades, questões, dúvidas e tensões do dia a dia ligadas à expressão dos seus afetos no ambiente familiar, no ambiente de trabalho e na comunidade a qual pertence.

A Roda de Conversa sobre a Afetividade Masculina oferece um momento e um lugar de encontro onde o diálogo, o compartilhar, a troca de experiências e informações pretende construir novos conhecimentos, contribuir para o desenvolvimento de recursos e do autoconhecimento, mudar e transformar caminhos. Nesse sentido, pode ser um trabalho de prevenção contra a violência direcionada às mulheres (feminicídio) e aos próprios homens, ambos vítimas do machismo na nossa cultura, na nossa sociedade.

Sendo um método de ressonância coletiva (Coelho, 2007), os participantes, ao se expressarem, podem escutar os outros e a si mesmos, formando uma rede de suporte afetivo que ampara e acolhe na medida em que ali estão pessoas com as quais pode, de alguma maneira, identificar-se, seja porque vive a “mesma” realidade, seja porque tem as “mesmas” dúvidas, curiosidades. Peço permissão ao mestre Paulo Freire para repetir suas palavras: “*Aprendemos uns com os outros mediatizados pelo mundo*” (Alencar, 2015).

Percebo, solidariamente, como é difícil para nós homens falarmos sobre os nossos sentimentos como, por exemplo, a tristeza, o medo, a vergonha e tantos outros. Uma das graves consequências desse cultivo e dessa cultura, além do feminicídio mencionado anteriormente, é o altíssimo índice de suicídio entre os homens. Para se ter uma ideia desse volume, fazendo um comparativo, a taxa de mortalidade por suicídio entre os homens foi quatro vezes maior que a das mulheres entre 2011 e 2015, 8.7 suicídios de homens e 2.4 de mulheres por 100 mil habitantes (Verdélío, 2017).

Como Tudo Começou ...

Era agosto de 2017. Eu estava participando do evento Conversando com Saul Fuks sobre Terapia de Casal e a Afetividade Masculina, promovido pelo CEFAI. Saul conduzia a apresentação de forma cativante com o seu carisma, conhecimento, autoridade e maestria, despertando o interesse de todos não só pelo tema, como pelo jeito de se expressar: suave, doce, gentil, inclusivo e empático.

Fui me dando conta, ao longo do dia, que essa atmosfera, havia despertado, em mim, sensações, sentimentos e emoções sobre os quais eu não tinha entrado em contato ainda. Não tinha consciência deles. Mas eles estiveram ali desde sempre e eu “não sabia”.

Foi quando, então, Saul propôs aos homens que estavam presentes, que colocassem suas cadeiras em círculo para conversar entre si enquanto as mulheres, em silêncio, ficariam escutando. Na plateia, havia aproximadamente 80 mulheres e, no círculo, apenas cinco homens, incluindo Saul e o operador de áudio.

Estávamos sensibilizados pelas reflexões do dia e ali, naquele momento, em um ambiente de profundo respeito, tivemos a oportunidade de falar da sensação de fragilidade e de um sentimento de solidão e desamparo vivenciados por nós dentro do universo masculino.

Nos dias que se seguiram, ainda reflexivo sobre a Afetividade Masculina, confirmei a minha percepção de que nós homens não tocamos nesse assunto. Historicamente e culturalmente, não desenvolvemos a confiança e a intimidade para compartilhar a nossa experiência de como é ser homem na atualidade, neste mundo contemporâneo pós-moderno.

Os homens que encontrei foram unânimes ao afirmar que essas questões vão para o lugar do silêncio. Talvez por isso tenham conversado comigo de forma tão interessada, sincera e até curiosa, experimentando, por alguns minutos, a sensação de abrir as janelas de um sótão fechado há muito tempo, permitindo ventilar e entrar alguma luz.

Nesse contexto é que surgiu o desejo de reunir homens e falar mais sobre isso, ouvir mais sobre isso. Conversar, compartilhar, refletir, trocar experiências, aprender com as próprias reflexões e experiências assim como com a dos outros.

Precisamos nos *re-encontrar*, nos *re-conhecer* e, quem sabe, vivenciar uma *intimida-de* sem ficarmos *intimida-dos*.

A Roda de Conversa sobre a Afetividade Masculina

Homens que se dispõem a conversar sobre a Afetividade Masculina ainda são em menor número do que aqueles que necessitam, não chegando a surpreender o fato de a Roda de Conversa mencionada neste artigo ter acontecido com apenas três participantes. Inicialmente eram cinco interessados, entre 45 e 60 anos, moradores da cidade do Rio de Janeiro, com diferentes formações e atividades profissionais diversas, alguns casados, outros recasados, com filho(as). Um dado relevante é que todos eles tinham uma relação prévia comigo.

Começamos no horário. Abri a fala na Roda dizendo que tinha preparado uma atividade para a noite, mas que, antes, gostaria de saber o que os havia trazido até lá, o que tinha chamado a atenção deles em relação à temática da Afetividade Masculina. Depois, meditando sobre esse momento, dei-me conta de uma brincadeira que espontaneamente aconteceu quando coloquei o celular no bolso de trás da minha calça e um participante rapidamente alertou-me para que tivesse cuidado, pois “sabe como é que é né!?!?”, sentir uma coisa vibrando no bolso de trás. Todos rimos muito, divertindo-nos com essa enorme gozação. Opa! Gozação? Gozar? É claro! O homem tem uma necessidade imensa de gozar. Ele é capaz de perder o amigo, mas não a piada. É assim! Mas gozar e ter um orgasmo são coisas muito diferentes. O orgasmo implica um envolvimento, preliminares, “toooooodo” um tempo, uma paciência... Isso costuma ser difícil pra nós. Gozar é mais "fácil".

Ao longo do encontro, não percebi, em mim, qualquer constrangimento com as várias brincadeiras típicas de uma roda de conversa só de homens. Pelo contrário, para mim, esse foi o jeito que naturalmente encontramos de metacomunicar que ali naquele espaço poderíamos trazer, de forma saudável, o machismo tão entranhado em todos nós, sem censura, sem julgamento, sem um patrulhamento ideológico. Estávamos estabelecendo, de forma lúdica, um acordo de intimidade, confiança, liberdade e respeito.

Muitas memórias permearam esse encontro. Entre elas... Numa ocasião, mulheres que estavam inscritas em um workshop que promovi no meu consultório, por diferentes motivos, desistiram de participar e o grupo acabou sendo formado só por homens. Quando voltamos do almoço para reiniciar os trabalhos, um deles que, no intervalo, havia passado discretamente na Copenhagen, abriu a mochila, tirou de lá charutos de chocolate com recheio de licor e presenteou cada um, ritualizando assim, de forma divertida, simbólica, saborosa e espontânea, a aliança masculina.

Lembranças dos relacionamentos com os pais, comentários sobre a intimidade pessoal e familiar e também as questões “o que se espera de um homem?”, “o que as mulheres esperam de um

homem?”, “o que os homens imaginam que as mulheres esperam deles?” e “o que o próprio homem espera de si mesmo?” foram girando a nossa Roda de Conversa sobre a Afetividade Masculina.

Antes do término, pedi que cada um dissesse uma palavra que pudesse representar, expressar, a sua vivência ali na Roda de Conversa. As palavras foram: liberdade, coerência e carinho. A minha palavra foi contentamento.

E foi assim que aconteceu e o que foi possível relatar devido a questões editoriais referentes à ética profissional, à proteção e à privacidade dos participantes. Mesmo com poucos detalhes, fica o registro parcial de uma experiência recheada pelo afeto masculino.

Quero dizer que participar dessa Roda de Conversa sobre a Afetividade Masculina foi emocionante. Sensibilidade, coragem, sinceridade, generosidade e transparência. Cada um compartilhando suas histórias e vivências tão íntimas, delicadas e profundas!

No dia seguinte, recebi, de um dos participantes, a mensagem: *"Bom dia!! Obrigado pela oportunidade de ontem!! Gostei muito e pode contar comigo em outras atividades semelhantes. Abs"*.

Todos expressaram o desejo de participar de uma próxima edição, inclusive os que não estiveram presentes. Também disseram que iriam divulgar a Roda de Conversa e trazer amigos e/ou conhecidos numa nova oportunidade.

Efeitos Colaterais

Tem sido consenso, nas várias Rodas de Conversa sobre a Afetividade Masculina, que nós homens temos nos sentido achatados, sufocados e oprimidos pelo machismo e por modelos masculinos que não são mais sustentáveis, legado de um patriarcalismo que há muito tempo está com seu prazo de validade vencido. É imensa a quantidade de homens deprimidos, dependentes químicos, agressivos, violentos, feminicidas, homicidas e suicidas. Não só por isso, mas também por isso, é urgente desenvolvermos uma outra forma Homem de ser e viver que não nos afaste da nossa própria humanidade!

Perdidos e desorientados em relação à identidade masculina, protagonizamos tristes, dramáticas e, muitas vezes, trágicas cenas e histórias do cotidiano, algumas delas trazidas para o espaço terapêutico das sessões, como por exemplo:

➤ O homem que sempre foi o provedor da família, com a crise, ficou desempregado. Passou a ser sustentado pela esposa. Passaram-se os anos e, com a idade acima dos 50 anos, não

conseguia voltar para o mercado de trabalho. Enquanto isso, sua mulher crescia profissionalmente. Ficou insuportável para ele. Tornou-se alcoólico. Com dois filhos pequenos, acabaram se separando.

➤ O jovem, querendo dar provas da sua masculinidade para os amigos, aceitou o desafio: pular da cachoeira. Ficou tetraplégico aos 17 anos.

➤ *“Homem que é homem, não leva desaforo pra casa”*. Foi morto a tiros após uma discussão de trânsito. Deixou mulher e dois filhos, um de 6 e outro de 10 anos.

➤ Ele é bailarino. Aos 11 anos, escondeu o fato de todos. O seu segredo é a sua maior paixão e a sua maior vergonha. *“Não quero que meus amigos saibam”, “Se eles souberem, vão dizer que sou viado/gay”,* justifica.

➤ *“Um homem que chora? Que pede ajuda? Que é inseguro? Que sente medo? Que é indeciso? Que não gosta de futebol? Que não sabe dirigir? Que não sabe trocar um pneu? Que falha? Que chama para discutir a relação? Que gosta de receber flores? Que tem medo de barata? Que dá um grito quando leva um susto? Como assim???? Tá brincando né!?!?”*.

➤ Entremido por aí: *“Cuidado! Homens muito sensíveis, suaves e delicados não são confiáveis”*.

➤ *“Homem que é homem não come mel, mastiga a abelha!”*.

➤ Homem de 41 anos ateou fogo contra a ex-namorada. Ela morreu nessa segunda feira. O homem não aceitava o fim do relacionamento.

➤ Acusado de feminicídio, homem foragido é preso depois de ser encontrado no interior da Bahia. Em relacionamento marcado pela violência, matou sua companheira por ciúmes. Amigas da vítima relatam que a mulher só mantinha o relacionamento por causa do medo e das ameaças do seu namorado (Globo.com, 2019).

“De Abusado, a Abusador”

Há algum tempo, uma emissora de televisão exibiu uma novela na qual havia um personagem que despertava a indignação e revolta do público: ele espancava as mulheres com quem tinha namorado ou casado. Suas relações amorosas acabavam sendo rompidas por causa da sua violência. Ao longo de um bem-sucedido processo terapêutico, ele pôde fazer contato com a memória recalcada da sua tenra infância, lembrar dolorosamente das várias vezes em que sua mãe alcoolatra espancava-o e elaborar a sua história e o seu lugar no mundo.

Essa "lógica" que se estruturou eficazmente ao longo da história dentro das culturas e que rege o comportamento dos feminicidas é confirmada pelas pesquisas que traçam o perfil dos agressores: 70% desses homens presenciaram repetidas cenas de violência contra mulheres dentro da própria família e/ou foram vítimas eles mesmos de violência na infância, como no exemplo da novela. Essa vivência ocorrida na infância, se não for elaborada, será reproduzida em futuras relações afetivas e de intimidade.

Nós homens somos educados/programados desde crianças a sermos competitivos, o que faz com que acreditemos que devemos ser infalíveis, decididos, seguros, destemidos, vencedores, viris, conquistadores, indolores e dominadores. Dessa forma, replicamos e perpetuamos o machismo, degradando o próprio homem, o ser humano, a humanidade, a natureza, o planeta, a vida. O machismo é uma atitude predatória, pois gera escassez de recursos e não é autossustentável.

Uma forte contribuição para esse perfil, arrisco dizer, vem desde a pré-história da humanidade, há mais de dois milhões de anos até hoje. São os rituais de iniciação masculina que destacam a "força" e a "coragem" e preconizam que, para o menino se tornar homem, ser reconhecido e ser qualificado como tal, é exigido que ele sofra física e psicologicamente, fazendo-o passar quase sempre por experiências traumáticas de vergonha e de humilhação, o que parece constituir-se em uma espécie de script existencial, um paradigma, que, atravessando os tempos e as civilizações, manifesta-se como um fenômeno transcultural. Veja os exemplos a seguir:

➤ Em Esparta (900 a.C. - 192 a.C.), aos 7 anos, os meninos eram levados de suas casas e suas famílias para iniciar o Agoge, o treinamento oferecido pela cidade-estado para que se tornassem guerreiros, passando a viver em um acampamento militar. Lá, aprendiam a ler, a escrever, tinham aulas de retórica, poesia, sobre a arte da guerra, aprendiam como caçar e passavam por um treinamento que os ensinava a resistir a dificuldades como o frio, a fome e a dor, além de serem encorajados a se envolver em brigas com os colegas. Aqueles que demonstrassem fraqueza, covardia ou medo viravam alvo de provocações e violentos ataques dos demais. Aos 12 anos de idade, usando apenas um manto vermelho, eram obrigados a dormir ao relento, a encontrar a própria comida, sendo incentivados, até mesmo, a roubar de seus companheiros, correndo risco de serem chicoteados se fossem pegos. Uma das etapas mais brutais do treinamento era o Diamastigosis, uma competição anual em que os adolescentes eram duramente chicoteados diante do altar de Ártemis Orthia para testar a bravura e a resistência em relação à dor. Já adultos, os soldados deviam lutar até a morte, e aqueles que não

seguissem esse código eram tão humilhados pelos demais que, quase sempre, acabavam cometendo suicídio para se livrar da vergonha. Com declínio de Esparta e ascensão do Império Romano, o Diamastigosis transformou-se em um espetáculo sangrento, tornando-se uma atração bárbara.

➤ Para deixarem de ser criança e se tornarem homens, os meninos da tribo Algonquin, povo nativo americano que habita o nordeste da América do Norte, precisam "apagar" as lembranças da infância. Por 21 dias, os jovens são mantidos em gaiolas especiais, nas quais são forçados a comer Wysoccan, um poderoso alucinógeno. Além da perda de memória, o alucinógeno pode provocar a perda de fala, palpitações, delírios extremos, perda de movimento, fraqueza e, até, a morte. Após o processo, os jovens são examinados. Se esquecerem realmente as lembranças da infância, passam a ser considerados homens de verdade.

➤ Isolados no sul da Etiópia, os jovens da tribo Karo precisam participar de um ritual no qual devem saltar touros utilizando roupas tradicionais confeccionadas com couro de cabra. Aquele que não passar pelo ritual não poderá, em nenhum momento, ser considerado homem, estará impedido de casar e, conseqüentemente, também não poderá ter filhos. Os homens que engravidarem as mulheres sem passar pelo ritual deverão assassinar os próprios filhos logo após o nascimento.

➤ Entre os Maasai, localizados no Quênia e no norte da Tanzânia, os meninos são obrigados a caçar leões usando apenas lanças e escudos. No passado, eles eram obrigados a caçar sozinhos. Com o declínio da população de leões, a tradição mudou. Agora, é comum os meninos Maasai realizarem tal ritual em grupo. Quando caçam leões, eles estão demonstrando bravura, um tipo de comportamento somente visto em homens de verdade (Ramalho, 2019).

➤ Para os Sepik, que vivem perto do rio Sepik, em Papua Nova Guiné, os crocodilos são criaturas sagradas. Por esse motivo, a jovem população masculina é encorajada a passar por um doloroso rito de passagem entre a juventude e a vida adulta. Com o uso de uma navalha, os membros mais velhos das tribos fazem incisões e cortam as peles dos jovens nas costas, na barriga e nas nádegas repetidas vezes, produzindo cicatrizes que lembram e imitam a pele escamada dos crocodilos, ao mesmo tempo que, durante semanas, a paciência dos rapazes é testada por serem tratados como mulheres na aldeia e ter que suportar as humilhações dos outros homens. Uma vez terminada a cerimônia, os meninos são finalmente declarados homens (Kramer, 2010).

➤ Habitando a floresta ao sudoeste do Amazonas, nas proximidades da fronteira do Brasil com o Peru, os Matis também têm o seu ritual de passagem. Para ver se os jovens da tribo são ou não

aptos a ir caçar com os homens, é injetado um veneno direto nos olhos deles. Acreditam que, assim, a visão e os outros sentidos ficarão aguçados. Depois disso, são chicoteados e espancados repetidamente. Finalmente, os mais velhos injetam um outro veneno chamado Kampo, que é extraído de uma rã. Não é um alucinógeno, mas provoca enjoos, vômitos e diarreia. Na crença dos Matis, o Kampo é capaz de aumentar a resistência e a força dos garotos, tornando-os homens e caçadores perfeitos (Ramalho, 2019).

➤ Em um arquipélago na Papua Nova Guiné, os nativos da tribo Matausa consideram o sangue das mulheres impuro. Para que seus filhos se tornem homens verdadeiramente, o sangue precisa ser purificado das influências das mães. Os anciões começam o ritual de purificação colocando duas varas nas gargantas dos jovens, fazendo-os vomitar sangue. Logo depois, os idosos inserem palhetas nas narinas dos garotos, fazendo com que eles comecem a expelir sangue e muco. Para finalizar, os anciões apunhalam repetidamente as línguas dos meninos usando uma ferramenta parecida com uma flecha. Só depois de completar a cerimônia é que os jovens iniciados são considerados homens (Ramalho, 2019).

➤ Entre os jovens nativos da tribo Saterê Mawé que vivem entre o Amazonas e o Pará, para provarem sua masculinidade, eles tem que enfiar a mão em um par de luvas cheia de formigas-bala e dançar durante 10 minutos sem chorar ou se lamentar. A intensa dor pode causar convulsões e durar 24 horas. A *Paraponera clavata*, que os indígenas da Amazônia chamam Tocandira, e os de língua inglesa, *Bullet Ant* (Formiga-Bala), é assim chamada porque a dor que provoca quando pica com suas potentes mandíbulas é comparável à de um tiro de revólver (Kramer, 2010).

➤ No Oceano Pacífico, ao sul da Ilha de Pentecostes, no Arquipélago de Vanuatu, os homens da tribo Sa, desde os 7 anos, praticam o Naghol, que significa “salto no vazio”. É um milenar ritual de masculinidade e de passagem que consiste em mergulhar em direção à terra, ao chão de uma rudimentar torre de madeira de aproximadamente 30 metros de altura, construída em uma colina íngreme, sem qualquer tipo de equipamento de segurança. Homens e meninos saltam presos apenas por um cipó enrolado nos tornozelos. Se o cipó for demasiado curto, eles baterão contra as madeiras pontiagudas que sustentam a estrutura e, se for demasiado longo, baterão no chão. Numa exibição para a Rainha Elizabeth II, que estava de visita em 1974, um mergulhador morreu. Apenas o ombro do mergulhador deve tocar o solo, pois se acredita que isso irá garantir uma colheita abundante de inhame e removerá as doenças associadas à estação das chuvas. Curiosamente, a tradição, diz a lenda,

começou quando uma mulher, para escapar das agressões do marido violento, buscou refugiar-se em uma árvore alta. Lá embaixo, o marido, descontrolado, ordenava-lhe que descesse imediatamente. Ela se recusou. Ele, então, começou a subir na árvore enquanto ouvia os desesperados gritos dela o chamando de covarde. Quando ele alcançou o topo, ela pulou. Completamente cego pelo seu ódio insano, o marido pulou atrás dela e morreu ao se espatifar no solo. Ela sobreviveu, pois havia amarrado seus calcanhares com um cipó. Desde então, os homens praticam o salto da torre querendo, com isso, demonstrar força e poder para as mulheres da aldeia, afirmando, assim, que jamais serão enganados novamente. Apesar de uma mulher ter realizado o primeiro salto, só os homens são autorizados a saltar (Kramer, 2010).

Finalmente...

Nestes tempos de pandemia, venho percebendo, no social e na minha experiência clínica, por meio do atendimento on-line de famílias, casais e pacientes em terapia individual, residentes no Rio de Janeiro e em outros estados do Brasil e em outros países, alguns movimentos bem interessantes gerados pelo isolamento que os cientistas e as autoridades sanitárias de todo mundo estão recomendando. Não posso dizer que são todos, mas são muitos. Famílias estão resgatando algumas rotinas, alguns valores e algumas crenças. Refeições estão sendo feitas à mesa com todos juntos e reunidos, promovendo um contato, uma qualidade de conexão entre as pessoas que há bastante tempo estava perdida. Muitas crianças e adolescentes estão tendo essa vivência pela primeira vez. Mesmo em home office, pais estão mais próximos de seus filhos, gozando de uma tardia “licença paternidade”, a qual não puderam ter quando esses nasceram. É claro que, nesse ambiente, desabituações com um convívio tão intenso provocado pelo confinamento, tensões aparecem, mas também trazem, com elas, a oportunidade para o desenvolvimento de uma intimidade, para o desenvolvimento de novos recursos e também para um contato mais estreito com a própria humanidade. Parceiras, namoradas e esposas, assim como parceiros, namorados e maridos, relatam que estão experimentando, dentro do relacionamento, uma cooperação, colaboração, solidariedade, gentileza e generosidade que podem trazer uma melhor qualidade de vida e produzir novas referências afetivas para todos.

Ampliando o foco, vizinhos que até então nem se conheciam, estão se oferecendo para fazer compras de mantimentos, suprimentos e remédios para pessoas idosas que, morando sozinhas, não teriam como se sustentar neste momento.

Psicólogos de diferentes formações teóricas, escolas e instituições estão formando voluntariamente redes de suporte e apoio psicológico para o atendimento on-line gratuito não só para os dedicados profissionais da área de saúde, que estão no front, trabalhando nos hospitais, como também para as pessoas, em geral, que venham a necessitar de ajuda nesse momento. Eu e minha esposa, que também é terapeuta de família e casal, pusemos, por debaixo das portas dos apartamentos do edifício em que moramos, uma mensagem colocando-nos à disposição para o apoio emocional/terapêutico dos moradores do nosso condomínio. Não fosse a pandemia, teríamos tido essa atitude?

É como alguém disse, “esse momento pode ser um buraco ou um portal”.

Referências

- Alencar, V. P. D. (2015). *Mediação cultural em museus e exposições de história: conversas sobre imagens/história e suas interpretações*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Artes. Recuperado de <http://hdl.handle.net/11449/132741>
- Bresser, D. (2019). *Matadores de mulheres*. Recuperado em 27 março, 2020, de <https://estudio.r7.com/matadores-de-mulheres-07022020>
- Coelho, D. M. (2007). *Intervenção em grupo: construindo rodas de conversa*. *Anais do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Globo.com. (2019). *Morre homem que tentou matar a ex-namorada incendiando carro em Pirassununga*. Recuperado em 28 março, 2020, de <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/09/29/morre-homem-que-tentou-matar-a-ex-namorada-incendiando-carro-em-pirassununga.ghtml>
- Globo.com. (2019). *Homem é preso suspeito de matar companheira por ciúme na Bahia; vítima bateu cabeça na parede após levar soco*. Recuperado em 28 março, 2020, de <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/05/03/homem-e-presosuspeito-de-matar-companheira-por-ciume-na-bahia-vitima-bateu-cabeca-na-parede-apos-levar-soco-diz-policia.ghtml>
- Kramer, M. (2010). *10 diferentes ritos de passagem de todo o mundo*. Recuperado em 28 março, 2020, de <https://hypescience.com/10-diferentes-ritos-de-passagem-de-todo-o-mundo/>

-
- Ramalho, J. (2019). *Conheça 7 testes de masculinidade mais brutais do mundo*. Recuperado em 28 março, 2020, de <https://www.futucandonoticias.com/noticia/conheca-7-testes-de-masculinidade-mais-brutais-do-mundo>
- Rincón, M. L. (2018). *História e Geografia*. Recuperado em 23 março, 2020, de <https://m.megacurioso.com.br/historia-e-geografia/100>
- Verdélío, A. (2017). *Agência Brasil*. Recuperado em 28 março, 2020, de <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-09/cerca-de-11-mil-pessoas-tiram-propria-vida-todos-os-anos-no-brasil>